
ETNOGRAFIA DE GRUPOS

JUVENIS CATÓLICOS: DIÁLOGOS

E EXPERIÊNCIAS DE FÉ*

Flávio Munhoz Sofiati**

Resumo: o artigo analisa o funcionamento de grupos católicos, tomando como referência os grupos de jovens da Pastoral da Juventude e os grupos de oração da Renovação Carismática. Conseqüentemente, apresenta-se as observações articuladas a partir de trabalho etnográfico em grupos identificados com a espiritualidade da Teologia da Libertação e do carismatismo. Além disso, o texto demonstra, a partir das experiências dos participantes, as diferenças entre ambas as perspectivas de vivência religiosa e o conseqüente distanciamento e falta de diálogo existente no interior do catolicismo.

Palavras-chave: Religião. Juventude. Catolicismo. Teologia da Libertação. Renovação Carismática.

Este trabalho analisa o discurso e a prática de jovens da Igreja Católica (IC) para apresentar uma versão das experiências e diálogos presentes no catolicismo contemporâneo. O artigo apresenta um estudo da estrutura das reuniões de grupos juvenis, considerando o trabalho etnográfico desenvolvido em dois grupos religiosos de perspectivas diferentes: um da Pastoral da Juventude do Brasil (PJB) e outro da Renovação Carismática Católica (RCC). No trabalho de observação sistemática identifica-se a mística da Teologia da Libertação (TL) e do Movimento Carismático no processo de formação dos fiéis. Enquanto o primeiro é pautado pelo método de formação integral chamado ver-julgar-agir,

* Recebido em: 02.12.2011.

Aprovado em: 27.12.2011.

** Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Professor Adjunto de Sociologia da Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais. E-mail: sofiati@gmail.com

característico da tendência radical, o segundo é uma versão da perspectiva pentecostal, característico da tendência modernizadora-conservadora.¹

O artigo está dividido em três momentos: a) descrição de um grupo de jovens da Pastoral da Juventude; b) apresentação de um grupo de oração jovem do movimento carismático; c) análise do diálogo dos jovens sobre as diferenças de interpretação da teologia cristã e o distanciamento entre as diferentes perspectivas. Nos relatos é possível compreender os elementos que levam aos conflitos internos e as opiniões divergentes sobre temas que permeiam a proposta de formação e evangelização da juventude católica.

A MÍSTICA DAS PASTORAIS DA JUVENTUDE

Os grupos de jovens da Igreja Católica em sua maioria se reúnem aos finais de semana, principalmente em paróquias urbanas e rurais, centros comunitários e escolas. Nessa última é frequente, principalmente em escolas confessionais, reunião durante a semana. As reuniões dos grupos das pastorais possuem um roteiro básico que é, em grande parte, seguido pelos jovens em todo o país, composto na seguinte seqüência: acolhida, canto, oração, dinâmica de grupo, oração, avaliação, informes e canto final. Porém, a realidade mostra que no cotidiano dos grupos ocorrem variações sutis que estabelecem as características específicas de cada comunidade de jovens.

O método ver-julgar-agir é identificado no formato das reuniões, especialmente na aplicação das dinâmicas que seguem a lógica de apresentação do tema (VER), confrontando com a mensagem bíblica (JULGAR) e finalização com uma proposta de ação do grupo junto à comunidade (AGIR). Esse método busca comprometer as atitudes do jovem com os ensinamentos bíblicos e os dogmas do catolicismo. Todo acontecimento histórico tem como base de avaliação a Bíblia ou os documentos da IC. A seguir há uma descrição do funcionamento de um grupo da PJ.

As observações foram feitas no grupo de jovens da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe da cidade de São Carlos, Diocese de São Carlos-SP. Na ocasião, grande parte dos esforços das comunidades católicas estava voltada para a preparação do Natal. “Normalmente os jovens são os primeiros a começarem esta preparação”, relatou um jovem membro do grupo da comunidade. A reunião estava prevista para começar após a missa, assim, foi possível participar da celebração e observar a presença dos jovens na liturgia. Era o domingo ao qual o grupo estava responsável pela preparação, portanto, toda a celebração fora conduzida por eles. Desde a leitura e os comentários, passando pela preparação do ofertório, até a encenação do evangelho, foram jovens e, principalmente, os adolescentes que protagonizaram aqueles momentos.

Ao final da missa a jovem comentarista convida os presentes a ficarem para participar da reunião do grupo que começaria imediatamente após a celebração em uma sala do prédio de catequese, localizada ao lado da igreja. Dessa forma, os jovens interessados dirigiram-se para o local indicado e na recepção havia dois participantes recebendo os convidados, ambos vestidos com um manto colorido de traços africanos. Era uma moça chamada Rita², morena, cabelos escuros, olhos castanhos e pele clara, e um rapaz chamado Paulo, negro, cabelo escuro bem curto, olhos negros grandes. O rapaz emergia seu polegar em uma poção de cheiro agradável para passá-lo em forma de cruz na face de todos que entravam. Enquanto isso, a jovem recebia os participantes com um forte abraço e uma frase que dizia o seguinte: “O Deus que está em mim, acolhe o Deus que está em você”. Já na sala estava um jovem tocando um violão, sendo acompanhado por um batoque e um pandeiro. Era uma música agitada que possibilitava que os participantes dançassem e repetissem gestos que acompanhava a letra da música:

MOVIMENTO NOVO
1 - Deus chama a gente pra um momento novo, de caminhar junto com seu povo, é hora de transformar o que não dá mais, sozinho, isolado ninguém é capaz!
Refrão:
Por isso vem, entra na roda com a gente, também!
Você é muito importante! Vem!
2 - Não é possível crer que tudo é fácil, há muita força que produz a morte, gerando dor, tristeza e desolação, é necessário unir o cordão!
3 - A força que hoje faz brotar a vida, atua em nós pela sua graça, é Deus quem nos convida pra trabalhar, o amor repartir e as forças juntar.

No final da música Marcos, o animador do grupo, um rapaz de pele clara, cabelos ondulados e olhos castanhos, que coordenava o grupo e se destacava no meio dos outros jovens, convida todos a darem as mãos para uma oração. O violonista toca lentamente seu instrumento, conduzindo os presentes a um momento de silêncio e diálogo interior. Os participantes são convidados a fechar os olhos e pensar no significado do evangelho da missa. O animador referia-se ao Evangelho de João, capítulo 18 e versículos 33 a 37, especificamente a frase do último versículo na qual Jesus dizia: “Quem crê na verdade ouve a minha voz”. Em seguida, o animador convida a rezar o “Pai Nosso” que fora modificado pelos jovens. Segundo relato posterior, fui informado que havia sido retirado de um subsídio da PJB, editado pelo Centro de Capacitação da Juventude, assim como

toda a dinâmica da reunião estava respaldada por esses subsídios. Todos os jovens tinham em mãos a seguinte oração:

Pai Nosso da Juventude
PAI NOSSO QUE ESTAIS NO CÉU, na terra, no sol, no ar, na água, em toda a natureza, no nosso grupo, comunidades em cada um de nós.
SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME na oração, na nossa ação, no compromisso com a comunidade.
VENHA ANÓSO VOSSO REINO de mulheres e homens novos evangelizados e evangelizadores. SEJA FEITA A VOSSA VONTADE de nós, jovens e de todos os cristãos comprometidos sejamos construtores de novas relações no trabalho, na escola, no lazer, na Igreja e em toda a nossa cultura.
ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU na caminhada de nossas famílias, de nossos grupos e da nossa comunidade.
O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DAÍ HOJE porque queres a vida plena, conseguida quando se mata a fome de pão e de justiça.
PERDOAI AS NOSSAS OFENSAS quando deixamos de construir um grupo de jovens organizados e deixamos de atingir outros jovens de nossa comunidade.
ASSIM COMO NÓS PERDOAMOS A QUEM NOS TEM OFENDIDO E NÃO NOS DEIXEIS CAIR EM TENTAÇÃO de acreditar em outros deuses que não seja o Deus da vida.
MAS LIVRAI-NOS DO MAL do poder, da ganância, da desigualdade, da morte e faça-nos, Senhor: Mulher e Homens Novos, construtores da Nova Sociedade, Sinal do Reino de Deus.
AMÉM!

Uma música de reflexão, no estilo de um *mantra*, é iniciada ao final da oração. Os jovens de mãos dadas, incentivados pelo animador, começam a cantar: “*Pai está aqui, sim está aqui. Tão certo quanto ar que eu respiro, aleluia. Tão certo como o amanhã que se levanta, tão certo quanto podes me falar e posso te ouvir*”. Esse gesto é repetido, mudando-se o “Pai” por “Jesus” e depois por “Espírito Santo”. Ainda no clima de oração, o animador começa a explicar o tema da reunião que se refere à “Proposta de Jesus”. O objetivo daquela reunião era refletir o que Jesus propunha para os jovens do grupo.

O encontro era acompanhado por aproximadamente 30 jovens, sendo que o número de mulheres superava o número de rapazes. Um jovem chamado Jorge, relatou em diálogo com o pesquisador que um dos motivos que o levou a ir ao grupo era

que lá havia muitas garotas bonitas e que ele estava interessado em uma delas. Outro jovem chamado Lucas, liderança do grupo, afirmou que na maioria das vezes o que levava as pessoas para o grupo era o interesse em se relacionar, fazer amigos e, principalmente, conseguir namoro. Lucas afirmou que o objetivo da coordenação era de aproveitar as reuniões para passar um pouco da mensagem evangélica aos jovens. Neste grupo especificamente eram poucos os que participavam todos os domingos. A maioria faltava muito e apareciam uma ou duas vezes por mês. Pôde-se perceber que dos 30 participantes, tinha um grupo de mais ou menos 10 jovens que estavam mais integrados. Outro jovem disse que se sentia excluído no grupo e que em muitas vezes tinha vergonha de participar ou falar alguma coisa. No entanto, outros jovens relataram que o grupo era o ponto de partida para se fazer amizades no bairro e sentiam que aquele espaço estava aberto para a participação de todos.

O animador convida todos a refletirem a partir da questão: “Qual é a proposta de Jesus?”. Alguns jovens relatam sua opinião e colocam algumas afirmações: “Jesus quer que fiquemos unidos e que não haja intrigas entre nós”. “Acho que a proposta de Deus é de construção de um mundo melhor”. “Jesus quer que amemos uns aos outros, já que somos todos irmãos”. “Não sei muito bem, mas acho que Deus quer ver a Igreja unida”. “Jesus propõe um mundo de justiça e fraternidade”. Após algumas falas o animador divide os jovens em grupos pequenos para responder as seguintes questões: “Nosso grupo de jovens está assumindo a proposta de Jesus?” e “O que eu estou fazendo para que o grupo assuma cada vez mais essa proposta?”. Para a divisão de grupos o animador contou de um a cinco, formando cinco grupos, sendo que quem era indicado pelo número 1 era do grupo 1 e assim na sequência até o último grupo.

Durante as discussões nos grupos, o animador foi questionado pelo pesquisador sobre o fato de poucos jovens terem falado na reunião. A resposta foi que os jovens que tinham falado, em sua maioria, eram aqueles que participam regularmente da comunidade e que o ajudava na preparação das reuniões. Certo número dos jovens ali presentes vinha apenas algumas vezes e inclusive naquela reunião havia jovens que vieram pela primeira vez, sendo que quase todos os domingos têm gente nova participando da reunião. Também se constatou essa rotatividade de participantes em outros grupos observados. Uma característica dessas comunidades é a variação de jovens que produz uma constante renovação nos grupos. Há grupos que já comemoram 23 anos de existência, mas na verdade o que ocorre é que de tempos em tempos um novo grupo se inicia com o mesmo nome. Como hipótese, pode-se afirmar que isso acontece pelo fato dos jovens, após receberem o sacramento do Crisma, não terem muita opção de espaços de convivência juvenil no interior da IC.

Na volta para o círculo grande, começaram os relatos dos pequenos grupos. Cada grupo indicou uma pessoa para falar sobre o debate que havia feito e apresentar as respostas dos participantes. Todos disseram que aquele grupo de jovens estava assumindo a proposta de Jesus, mas todos ponderaram que algumas coisas precisavam melhorar. Houve muitas falas criticando as “panelinhas” e as dificuldades de abrir o grupo para a comunidade. Uma jovem disse: “Precisamos abrir o grupo para o bairro. Tem muitos jovens lá fora que precisam conhecer Jesus”. Também falaram que “O grupo precisa agir mais. Tem muita coisa pra fazer na comunidade e nosso bairro tem muita gente carente”.

Notou-se que os jovens que se manifestaram interpretaram o tema debatido de forma diferente. Enquanto uns falavam do tema pensando em questões sobre o relacionamento interno no grupo, outros discutiram a partir da ideia de inserção do grupo na sociedade. No entanto, o significado que o grupo dava para a “Proposta de Jesus” era relacionado apenas ao aspecto comportamental. Ninguém falou em transformação da sociedade e superação do capitalismo como é defendido pela TL e pelos documentos da PJB. Uma hipótese é que isso ocorreu pelo fato daquele grupo ser formado por uma maioria de jovens que se encontram em estágio de iniciação no processo de formação da PJB.³

No final das intervenções o animador chama a atenção de todos para o que, segundo ele, era um aspecto importante do tema da reunião: a ação do cristão na sociedade. O rapaz falou o seguinte “Nossa missão é de construir uma sociedade justa e igualitária, diferente dessa que está aí. Nós cristãos temos que mudar as coisas erradas no mundo, pois tem muita gente sofrendo, passando fome e na miséria. Deus não pensou um mundo assim. Queria que todos fôssemos irmãos e que um ajudasse o outro. Portanto, a proposta de Jesus é que nós jovens da Igreja devemos lutar para construir outra sociedade que tenha como base o amor. A proposta de Jesus é a construção da Civilização do Amor”. O animador já era um militante da PJB, representante da paróquia na coordenação diocesana. Portanto, sua linguagem se diferenciava dos outros jovens e, além de ser uma liderança do grupo, desfrutava de muito prestígio entre os jovens. Assim, sua fala era ouvida atentamente por todos.

Depois da explanação do animador a equipe de música começou a tocar:

O QUE VALE É O AMOR
Refrão:
<i>Se é pra ir para luta eu vou, se é pra tá presente eu tou, pois na vida da gente o que vale é o amor (Bis)</i>

1 - É que a gente junto vai reacender estrelas, vai, replantar nosso sonho de cada coração, enquanto não chegar o dia, enquanto persiste a agonia, a gente ensaia o baião. Lauê, Lauê, Lauê, Lauê.
2 - É que a gente junto vai reabrir caminhos, vai, alargando a avenida pra festa geral, enquanto não chega a vitória a gente refaz a história, pro que há de ser afinal. Lauê, Lauê, Lauê, Lauê.
3 - Esse amor tão bonito vai, vai gerar nova vida, vai, cicatrizar feridas, fecundar a paz, enquanto governa a maldade a gente canta a liberdade, o amor não se rende jamais. Lauê, Lauê, Lauê, Lauê.

No final da música havia jovens em pé, outros sentados, alguns conversando num canto. Assim, o animador recupera o círculo, convidando todos a voltar para seus lugares e darem as mãos. Já na roda propõe uma avaliação da reunião e as respostas são bem curtas: “Gostei!”, “Tava muito bom”, “Aprendi bastante”, “Vim pela primeira vez e quero voltar mais vezes”, “Não gostei muito porque demorou demais”, “Temos que ser mais pontuais, a reunião começou muito atrasada e perdemos muito tempo dividindo em grupo”. O animador pergunta quem poderia ajudar a preparar a próxima reunião e alguns jovens se dispõem. Assim, ele pede para que fiquem no final para combinar o dia que irão se encontrar para a preparação. Também deu alguns recados sobre atividades da comunidade, do bairro e da PJB.

A equipe de música sintonizada com o animador começa a tocar de forma suave, criando um clima agradável de conforto na sala. Todos ainda estão de mãos dadas e em pé. O animador começa a rezar e todos o acompanham: “Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco...”. O círculo se desfaz e as pessoas começam a se abraçar, dizendo: “A paz esteja contigo, irmão”. Nesse clima de solidariedade a reunião se encerra. Enquanto os jovens saem, os músicos ainda tocam uma última canção animada.

O trabalho de observação nos grupos possibilitou a reflexão sobre o significado de uma estrutura nacional de pastoral para trabalhar com juventude. A IC em toda sua história organizou espaços específicos de trabalho com os jovens e fez por saber da necessidade em tê-los do seu lado de forma mais ou menos controlada. As experiências da juventude da PJB refletem a riqueza que há nas comunidades religiosas e nos espaços juvenis presentes na sociedade. O grupo de jovem reflete as contradições sociais de sua comunidade e ao mesmo tempo a impulsiona para outros horizontes. Em muitas comunidades presenciaram-se as disputas e rivalidades que havia entre o grupo de jovens e os outros grupos organizados. Ao mesmo tempo foi notada a presença dos jovens nas atividades elaboradas pela igreja local. É verdade que os jovens em muitos casos incomodam os líderes adultos por questionarem muitas coisas na comunidade. Todavia, esses

mesmos jovens possuem papel importante nos acontecimentos comunitários, apesar de terem pouca participação nos núcleos de poder das paróquias.

No grupo foi possível presenciar o protagonismo de alguns jovens e a passividade com que grande parte deles se deparava com a realidade social e religiosa. Uma questão importante a ser respondida é se esse protagonismo também está presente nas estruturas que possibilitam a existência desse tipo de grupo nas comunidades, isto é, na PJB. Quem produziu o material utilizado por esse grupo na preparação da reunião? Quem compôs as músicas e elaborou a dinâmica? A estrutura da reunião foi pensada por quem? Nas entrevistas, nas conversas informais e também em alguns documentos, afirma-se que esses materiais são elaborados em conjunto com a juventude e a partir de sua realidade, porém, na análise dos documentos evidencia-se a presença predominante dos jovens militantes em detrimento daqueles que estão iniciando no processo de formação da PJB. Apesar de existir o convite para a participação na elaboração das reuniões do grupo, evidencia-se que os iniciantes não estão ainda preparados para apresentar contribuições significativas. Assim, os mais experientes acabam por conduzir todo o esquema que se desencadeia conforme o processo de conscientização e o estilo de liderança exercido pelo jovem militante.⁴

Essas são as principais características da mística dos grupos de jovens das Pastorais da Juventude. Vejamos, a seguir, como funciona o grupo de oração juvenil do movimento carismático católico.

OS RITOS DO GRUPO DE ORAÇÃO CARISMÁTICO

O grupo de oração Novo Pentecostes, da cidade de Araraquara, Diocese de São Carlos-SP, foi selecionado para as observações sistemáticas por se tratar de um grupo que mais se aproxima do tipo ideal de grupo pensado neste artigo, ou seja, aquele voltado para a evangelização da juventude católica nos marcos do movimento carismático.

O grupo se articula em quatro momentos: a) Nas reuniões às quartas-feiras com a equipe de apoio. Trata-se do grupo de oração para as lideranças do grupo, chamadas pelo público em geral de “servos do Claudio”, a liderança jovem do grupo. b) Nas reuniões de cura e libertação aos sábados à tarde em que há atendimentos pessoais. Momento de oração individual de imposição de mãos por parte do líder carismático sobre os fiéis. Geralmente quem faz as orações é o próprio líder do grupo, Claudio, sendo que as pessoas fazem fila de espera para serem atendidas. c) No programa na Rádio Cultura AM 790 aos domingos das 21 às 22 horas. d) E no grupo de oração de massa, aberto ao público em geral, que acontece toda segunda-feira à noite na Igreja Matriz São Bento no centro de Araraquara.

O líder do grupo, um jovem de aproximadamente 26 anos, pele branca, olhos e cabelos castanhos, participa de outras atividades de evangelização durante a semana: na terça-feira participa de um grupo de oração na Fundação CASA (antiga FEBEM) e na sexta-feira organiza uma vigília para jovens em uma paróquia da cidade.

Os grupos de oração se reúnem semanalmente durante a noite e possuem um roteiro específico que é obedecido em todas as dioceses no Brasil. No grupo há oração de louvor, de ação de graças e de intercessão. O grupo é aberto a pessoas de fora e oferece aos que o desejam uma caminhada de preparação para a efusão do Espírito. Portanto, é a “porta de entrada” da Renovação Carismática, o meio principal para que novos membros experimentem a espiritualidade emocional oferecida pelo movimento, notadamente veiculada e difundida atualmente pelas comunidades de vida e aliança. A diferença de um grupo de oração comum e o genuinamente juvenil está nos temas que são tratados. Nos organizados para jovens, aborda-se os temas das drogas, dos símbolos da Nova Era (movimento agnóstico), contra o Rock e outros ritmos mundanos, sobre sexualidade e afetividade. Nesse sentido, cabe a descrição detalhada dos ritos, daquilo que acontece no grupo de oração.

Na reunião semanal aberta ao público há seis momentos: a) Animação: contato entre as pessoas (abraços, cumprimentos de boas vindas, música); b) Louvor (música, orações, falas); c) Proclamação da palavra (leitura bíblica e explicação); d) Louvor (mais intenso com música mais agitada e oração em línguas – glosolalia); e) Revelação da curas e milagres (o líder anuncia os curados e alguns testemunham sua cura); f) Oração de encerramento e envio (começa com a Ave Maria e termina com Ave Maria e Pai Nosso).

O Grupo é antecedido da oração do terço mariano. Os participantes são recebidos em clima de oração, possibilitando assim certo controle das conversas dentro da igreja. No final dessa oração um animador imediatamente inicia a atividade com música alegre e convida os participantes a se olharem, abraçarem-se e desejarem uns aos outros uma boa noite.

Louvor Jesus é bom demais
Refrão Louvar Jesus é bom é bom demais. (2x) Louvar Jesus é bom é bom demais. (2x)
Pegue na mão do irmão e vamos juntos louvar o Senhor A fé, esperança e a vida veio lá de cima com salvador. (BIS)
Refrão Louvar Jesus é bom é bom demais. (2x) Louvar Jesus é bom é bom demais. (2x)

Pegue na mão do irmão e vamos juntos louvar o Senhor A fê, esperança e a vida veio lá de cima com salvador. (BIS)
Refrão Louvar Jesus é bom é bom demais. (2x) Amar Jesus é bom é bom demais (2x)
Louvar Jesus é bom é bom demais. (2x) Amar Jesus é bom é bom demais. (2x)

Após a música, o animador também declama algumas frases que são repetidas por todos sobre o amor que Jesus tem pelos presentes e palavras de acolhimento.

Em seguida, entra o animador principal (todos os grupos têm uma liderança que é a referência, sendo neste caso o jovem Claudio) que entoando cânticos de louvor fala das curas, físicas e espirituais, operadas no grupo. Durante as músicas as pessoas são estimuladas a orarem em voz alta até que se atinge um ponto clímax do encontro no qual o animador começa a orar em línguas (na linguagem dos anjos conforme a RCC) e grande parte dos presentes o acompanha. Nota-se uma semelhança na condução do grupo em relação ao Programa PHN conduzido e apresentado por Dunga na TV Canção Nova.

Em uma das reuniões observadas, Claudio caminhou entre os participantes e fez orações com imposição de mãos sobre os fiéis, principalmente oração em línguas. Ele motiva os participantes a “orarem ao Senhor”, possibilitando à oração em línguas coletivas. Nessa mesma reunião, outra animadora introduziu a leitura do Antigo Testamento, livro de Isaías 40, 30: “Até os adolescentes podem esgotar-se, e jovens robustos podem cambalear...”. Convida para o louvor e adoração ao senhor e em seguida, ela faz críticas ao Rock e ao pagode, às suas letras, ritmos e seus ambientes mundanos, convocando os jovens a baterem palmas para Deus e a pararem de participar de festas e shows de Rock. Um fato interessante foi que a última música tocada no grupo tinha ritmo de *Rock and roll*. Há inclusive uma banda carismática muito conhecida chamada *Rosa de Saron* que tocam Rock Pop com letras religiosas:

Sem Você
Minha vida, minha história Só fez sentido quando te conheci Seus olhos, sua face, me levam além do que pensei Se às vezes me escondo, em você me acho Nem dá pra disfarçar Preciso dizer: você fez muita falta Não há como explicar...

Foi sem você que eu pude entender Que não é fácil viver sem te ter Meu coração me diz que não Eu não consigo viver sem você, sem você
Minha vida, minha história, só fez sentido, quando te conheci Seus olhos, sua sagrada face, me levam além do que pensei Se às vezes me escondo, em você me acho, nem dá pra disfarçar... Preciso dizer, você faz muita falta, Não há como explicar...
Foi sem você que eu pude entender Que não é fácil viver sem te ter Meu coração me diz que não Eu não consigo viver se você, sem você... Nunca sem você Meu senhor, meu senhor eu não sou nada, Sem você, sem você...

Nos momentos finais do grupo de oração, enfatiza-se novamente as curas operadas no grupo com as pessoas que dão testemunhos de que foram curadas. Os principais testemunhos observados noticiavam cura das drogas, pessoas que aprenderam a dar o perdão ao próximo, curas de câncer. O animador fala de pessoas que foram curadas de Aids e outras que voltaram a enxergar.

O fechamento do encontro se estabelece com a oração do Pai Nosso, normalmente cantada, e a oração da Ave Maria. Assim, o grupo de oração se inicia e é finalizado com oração mariana. O Pai Nosso cantado tem normalmente a sua letra ampliada ou modificada. Um dos mais famosos é o gravado pelo Padre Marcelo Rossi:

Pai Nosso
Pai nosso que estás no céu, santificado seja o teu nome E venha a nós o teu reino, e seja feita a tua vontade
Pai, meu pai do céu, meu pai do céu Eu quase me esqueci, me esqueci Que o teu amor vela por mim, vela por mim Que seja feito assim

Meu pai, meu pai do céu, meu pai do céu Eu quase me esqueci, me esqueci Que o teu amor vela por mim, vela por mim Que seja feito assim
O alimento desse dia, dai nos agora e sempre E perdoai nossas ofensas, de um modo maior com que perdoamos
Pai, meu pai do céu, meu pai do céu Eu quase me esqueci, me esqueci Que o teu amor vela por mim, vela por mim Que seja feito assim
Meu pai, meu pai do céu, meu pai do céu Eu quase me esqueci, me esqueci Que o teu amor vela por mim, vela por mim Que seja feito assim
E não nos deixeis cair em tentação, mas livra-nos de todo o mau,
amém

Após o grupo, há uma quantidade significativa de pessoas que ficam para receberem as orações, com a imposição das mãos por parte dos coordenadores do grupo. Portanto, essas são as características principais dos encontros observados: forte devoção à Maria, muitos louvores e diversos testemunhos de curas físicas e espirituais, além da presença constante de momentos de oração coletiva em línguas, chamada de glossolalia ou oração em línguas estranhas.

Dando sequência à análise do grupo Novo Pentecostes, é importante afirmar que o grupo de oração jovem, apesar da presença predominante do público juvenil, tem a presença de famílias (pai, mãe, filho), idosos, adultos. Mas quem recebe as atenções especiais dos organizadores são os jovens; o grupo é conduzido para os jovens. O perfil dessa juventude é bem parecido com os encontrados na sociedade em geral: observou-se a participação de vários agrupamentos juvenis – rappers, pagodeiros, roqueiros – que vão para conhecer. Apesar disso, existe no grupo um modelo predominante, os jovens casais de namorados e recém-casados, além dos jovens vindos do sacramento da Crisma. Assim, o perfil de jovem no grupo de oração são os oriundos de famílias católicas. Observou-se que o processo de entrada do indivíduo no grupo se dá da seguinte maneira: a) no princípio entra sozinho ou em pequenos grupos, b) sendo que no início está

solteiro, c) em seguida, os namoros acontecem no grupo a partir dos encontros periódicos; d) por fim, com o tempo há um distanciamento dos casais jovens do grupo.

O roteiro de passagem apresentado acima é uma formulação típico-ideal aos moldes da teoria de Weber (1996, 1994), preocupada em apresentar o processo de entrada e saída dos jovens no movimento. Alguns dados justificam essa construção. O grupo de oração que no início das observações começou com 400 participantes, em algumas reuniões chega atualmente a contar com mais de 2.000 pessoas. Um dado importante é que a igreja fica cheia, mas também a praça em torno dela. Portanto, dois ambientes estão configurados: os de dentro e os de fora. Talvez essa situação apresente física e geograficamente o processo de entrada, formação e distanciamento do fiel na juventude carismática. Afirma-se que os jovens que ficam na praça constituem um grupo intermediário entre os iniciantes e aqueles que deixam de participar, já que vários jovens que estavam “do lado de fora” em uma das últimas observações, já haviam sido vistos “do lado de dentro” nas observações iniciais. De toda forma, a rotatividade é enorme e provoca processo de adesão e desistência permanente ao grupo, sendo que normalmente as saídas acontecem principalmente entre os jovens casais de namorados.

Ao ser questionado sobre o problema da rotatividade dos jovens em seu grupo, Claudio dá o seguinte depoimento: “Eu conheço os dois lados: os que passaram no grupo e que estão no grupo e os que passaram pelo grupo e hoje já não estão mais. Aí é uma questão de escolha, a pessoa está livre para escolher, os que ficaram foram os que realmente tiveram um encontro pessoal com Jesus”. Ele afirma que o problema principal do jovem que sai do grupo é a perseverança. Para Claudio, a falta de compromisso inviabiliza que muitos jovens continuem no grupo “[...] porque muitos jovens querem Jesus, eles querem a graça, ou melhor, os jovens querem as coisas de Deus, mas não querem o Deus das coisas”. Ele explica que a juventude quer mudar sua vida, mas tem dificuldades de se enquadrar nas leis da Igreja. Isto é, a juventude não aceita abrir mão de sua liberdade de escolha.

Nesse sentido, chega-se à conclusão de que a questão do livre arbítrio é demasiadamente cara para o jovem que, ao ser submetido a um cenário de estreitamento de suas escolhas, na maioria das vezes abandona o grupo. Os casos mais significativos estão relacionados aos temas da afetividade e sexualidade, como relata o próprio líder do grupo: “Eu também tenho dificuldades de evangelizar muitos jovens por conta de que a sua sexualidade, a sua afetividade está mal canalizada, ou seja, os jovens não têm uma vida regrada”.

Dessa forma, a figura do líder que dá exemplo com sua conduta de vida para os jovens, configura-se como elemento primordial nos grupos de oração a fim de manter os participantes fiéis aos preceitos carismáticos.

O DIFÍCIL DIÁLOGO DA PJB COM A RCC

Na análise das falas dos jovens da PJB,⁵ principalmente nas entrevistas e nas respostas de questionários encaminhados aos participantes de diversos grupos espalhados pelo Brasil, o debate feito sobre a IC se refere às diferenças existentes entre os grupos de jovens das pastorais e os grupos da RCC.⁶ Na maioria das vezes, há certa crítica aos carismáticos com uma defesa dos critérios da TL. Como afirma Elisberto, um jovem participante da PJ, “A RCC, vejo ela como um mecanismo ‘conservador’ da Igreja Católica. Pois, a RCC não tem uma visão mais realista dos acontecimentos, tanto da igreja quanto da sociedade, percebemos que a RCC tem uma forte espiritualidade, mas desligada do social e do real. O que é bem diferente de nossa forma de atuar, que temos sim a espiritualidade, mas também somos voltados para a prática, a ação. Também percebo que nos grupos de RCC a grande maioria, senão todos, os participantes são de classe média alta, ou seja tem uma importância na escala de valores da sociedade, e por isso não deixam qualquer um participar”. José Fábio, um jovem coordenador da PJR, diz que a RCC é “Alienante, encaramujada e fechada para a realidade brasileira e local. Promove uma espiritualidade profundamente intimista, desencarnada da realidade”. Denis, um ex-participante da PJ, argumenta que a RCC é “Em grande parte, uma tentativa de sufocar a vocação profética da Igreja, de fazer com ela não se preocupe mais com a transformação da sociedade. Ao invés disso, ela propõe que a Igreja se restrinja ao que ela rotula como ‘coisas de Deus’ (adorações, festivais de música etc.). Eu acho que a Igreja deve manifestar alegria, confraternização, mas que ela deve também se solidarizar com os pobres, visando construir uma sociedade justa e solidária”.

Esses três jovens falam das diferenças que há no modo de ver a espiritualidade, a mística no interior da IC. Defendem que a RCC possui uma espiritualidade que não tem relação com a realidade na qual estão inseridos. Por outro lado, acreditam que a PJB desenvolve sua mística a partir de seu contexto social, econômico e cultural. Há na verdade uma incompreensão das propostas de espiritualidade de ambos os lados, pois ao mesmo tempo em que os jovens das pastorais criticam a RCC, essa afirma que a PJB não tem espiritualidade. Em conversas com vários jovens que participam de grupos de oração da RCC, eles afirmaram que não participam de grupos identificados com as pastorais pelo fato dos coordenadores falarem muito de política e deixarem pouco tempo para as orações.

No trabalho de campo, foi possível encontrar alguns jovens que participaram dos grupos das pastorais e fazem essa mesma crítica. João Eduardo, *ex-participante da PJ*, diz que a TL é “Uma forma bastante pragmática de interpretação da Sagrada Escritura, na qual todo discurso deve necessariamente resultar em uma prática transformadora. O maior problema é que, por muitas vezes, enfatizou-se apenas

a prática transformadora em detrimento da mística que gera e une a comunidade jovem. Talvez isso tenha sido resultado de uma leitura marxista da Sagrada Escritura, quando o caminho mais correto deveria ser o inverso, isto é, a interpretação do marxismo em chave Bíblica”. Karina, também ex-participante da PJ, tem uma opinião parecida: “Concordo com a linha de pensamento da Teologia da Libertação, apesar de também cometer alguns excessos, muitas vezes as pessoas acabam se esquecendo que é o Cristo que nos sustenta e dá força para a construção do Reino de Deus aqui na terra”.

O olhar de Fernando, um jovem assessor da PJE, é mais comum de ser encontrado nos grupos de pastorais: “Para mim a RCC vem em resposta a um mundo imediatista, em que as pessoas visam uma espiritualidade *light*, sem compromisso social. Algo que satisfaça as necessidades imediatas e conforte a dor e o sofrimento cotidiano. Acredito que a RCC deva crescer ainda mais, pois a sociedade torna-se cada dia mais narcísica, quer dizer, cada um fecha-se mais em seu mundinho e se esquece da existência do outro. Neste contexto o modelo de igreja proposto pela RCC não cria muitos conflitos, pelo contrário, conforta a alma”.

Dirceu, um jovem assessor da PJ, afirma que a RCC é “Um movimento relevante no atual cenário eclesial, mas que está perdendo espaço em relação à força e novidade demonstrada nos anos 1990. Uma maneira particular de viver a mística do cristianismo e que por isso entra em conflito com outras forças da Igreja. Tem um importante papel uma vez que contempla pessoas que talvez não estivessem engajadas em pastorais e outros ministérios.” Na mesma linha Roberto, um jovem coordenador da PJ, é enfático ao afirmar que a RCC é “Uma ‘reforma’ da igreja católica moderna”. Já Mário Nascimento, um jovem participante da PJ, diz que “A Renovação Carismática para mim é um movimento dentro da igreja muito forte, que utiliza como meio de conversão a oração. Não me identifico muito com a Renovação Carismática porque não sou muito de ficar horas e horas somente orando e escutando. E eu acho que a renovação erra um pouco nisso indo às vezes até mesmo ‘contra’ algumas decisões da igreja”.

Ao analisar essas declarações, conclui-se que a PJB e a RCC atraem para seu interior jovens de perfis diferentes. Aqueles jovens que vão para a igreja no objetivo de resolver problemas pessoais relacionados às questões familiares, afetivas e sexuais, dificilmente permaneceriam em um grupo de pastoral, voltado para uma mística ligada ao social e ao cultural. Jovens com essas preocupações se sentirão melhor em grupos de oração da RCC que trabalham fortemente o lado afetivo da mística cristã, discutem temas relacionados ao indivíduo e utilizam a música como meio de atração juvenil. Certamente, esse é um dos principais motivos dos grupos de RCC serem, atualmente, amplamente mais numerosos que os grupos das pastorais.⁷ A perspectiva pós-moderna trouxe consigo uma preocupação maior com o indivíduo e uma busca constante pela permanência no espaço privado (Carranza, 2000).

Dois ex-participantes da PJ opinam da seguinte maneira: João Eduardo diz que a RCC é “Um movimento que tem chamado atenção da Igreja, especialmente da juventude e cuja mensagem é transmitida através de um discurso apologético, apelando para questões meramente emocionais. O maior problema deste movimento é que sua mística possui uma dinâmica que enfatiza a ideia de salvação individual, em detrimento da transformação coletiva de uma comunidade”. Karina diz que “A renovação tem suas qualidades, mas o problema é o fanatismo, com a Renovação as pessoas passaram a se preocupar exclusivamente com a parte espiritual e esquecendo que o mundo deve ser transformado, já que o nosso ‘juízo’ será: quando tive fome me deste de comer, sede e deste de beber...”.

No entanto, nota-se que é mais positiva a opinião de participantes de grupos da IC que não possuem ligação com as coordenações da PJB. Por exemplo, Carlos Evaristo, um jovem participante de um grupo sem identidade com a PJB ou a RCC, tem a seguinte opinião sobre os carismáticos: “Eu vejo como um movimento importante na Igreja, pois resgata alguns aspectos que haviam se esquecido na vida cristã, mas também vejo que possui alguns pontos não muito positivos já conhecidos de muitos. Achei bastante oportuna, inclusive, a orientação pastoral que a CNBB escreveu para os que seguem esse movimento.”

Ocorre que os jovens que não estão inseridos em grupos de PJB ou de RCC muitas vezes não entendem o debate que é feito sobre as diferenças na mística. Isso provoca uma convergência dessas espiritualidades em muitos grupos de jovens da IC. Esses grupos absorvem o que lhes interessa de cada proposta de espiritualidade e aplicam em sua realidade, sendo que essa parece ser a tendência atual no interior do catolicismo. Nesse sentido, aquilo que na teoria parece muito diferente, e até contraditório, é aplicado na prática por muitos grupos com propostas complementares. A opinião de Carlos Evaristo, que vê a RCC como um movimento importante da IC, comprova essa tese, pois para ele a TL “É um movimento importantíssimo na Igreja do Brasil que conseguiu suscitar o caráter social do cristianismo, levando a tona aspectos como solidariedade, fraternidade. A meu ver, também tem os seus pontos fracos e que tiram a riqueza do aspecto humano cristão. Se houvesse uma unidade mais fraterna e consciente desse movimento com o movimento da RCC, a Igreja no Brasil seria de uma beleza muito grande”.

No que diz respeito à TL, as opiniões dos jovens das pastorais, em virtude de sua identidade com essa perspectiva teológica, são mais positivas. Fernando da PJE argumenta: “Acredito na TL, mas vejo que ela não responde aos anseios dos jovens que trabalho, muitas vezes os temas de reuniões, eleitos por eles, ficam aquém das expectativas e direcionamentos propostos pela TL. Para mim a TL continua atual e necessária para a vida da PJB, pois é um marco importante na história da pastoral. Apesar de muito criticada e desvalorizada pelo clero, penso

que é necessário que continue viva dentro de nossa mãe Igreja”. Na mesma direção é a opinião de Dirceu da PJ: “Uma corrente importante do pensamento teológico e da prática pastoral que influenciou o agir pastoral da igreja junto aos pobres e à prática libertadora”.

Mário Nascimento da PJ diz que: “Eu particularmente gosto da teologia da libertação e seus meios de passar a mensagem de Deus e também as formas e oração, espiritualidade, estudo e formação”. Para Alessandro da PJ “A TL é, ao mesmo tempo, reflexo de uma práxis anterior e uma reflexão sobre esta práxis. Ela é a manifestação de um vasto movimento social que surgiu no começo da década de 1960. Vejo que ultimamente não se fala muito sobre a TL, pratica-se sem saber o que se está fazendo, pois é uma minoria dentro da Igreja Católica que comunga destas concepções que a TL nos propõem”. Denis, ex-participante da PJ, afirma que a TL é “Um movimento que procura resgatar os excluídos, através da conscientização das massas através do anúncio do Evangelho, visando acabar com toda forma de opressão e construir uma sociedade de mulheres e homens novos, cujo valor supremo é o amor”.

As opiniões acima refletem a aprovação que a TL desfruta entre os jovens da PJB, principalmente os militantes. Livros de teólogos da libertação, como os irmãos Leonardo e Clodovis Boff, são amplamente lidos por esses jovens. Dessa forma, as próprias transformações da TL são também assumidas pela PJB, provocando o constante processo de reavaliação do método de formação.

Há um intenso conflito de ideias no interior da IC em torno das tendências orgânicas que atuam de forma diferente e em alguns casos até contraditória. Os jovens da PJB são formados para rechaçar o modelo de IC levado pelos grupos de oração da RCC e criam vários conflitos nas comunidades católicas e até no interior dos grupos de jovens que em alguns casos são divididos por membros a favor e contra a RCC.⁸

As críticas são recíprocas, já que os jovens carismáticos mais conscientes não vêem nenhuma vantagem em aderir ao projeto da TL. Como exemplo, podemos citar as opiniões de três jovens da RCC: Thallis enfatiza que “Não conheço muito a respeito, não sigo. O pouco que eu sei é o suficiente para não querer participar. Mas, sei que a TL tem no ‘currículo’ grandes feitos para a sociedade, porém acho que deveria ter outro nome, Teologia da Libertação passa uma idéia que não é bem o forte dela”. Saulo argumenta que “Eles só discutem política e não rezam. Pensam que o Reino de Deus é apenas terreno e profanizam a mensagem bíblica”. Márcio defende que “A Teologia da Libertação foi proibida pelo Papa e nosso grupo segue as recomendações de Roma. Dizem que eles são um partido dentro da Igreja”. Essas opiniões expõem as ideias que os carismáticos fazem do setor progressista da IC, pois para eles as pastorais apenas possuem uma preocupação com o social em detrimento do espiritual. A partir das opiniões

expostas acima, o que se nota na experiência de campo é que ambos os setores da IC dialogam muito pouco e possuem vários estigmas que muitas vezes não se comprovam na realidade. Porém, mesmo assim, os grupos sem identidades definidas continuam produzindo sínteses entre as propostas de espiritualidade das duas tendências católicas.

Opinião significativa foi a de Maria Luiza, uma assessora da PJ, ao afirmar que: “Sinto a RCC como uma resposta a um determinado grupo que não se sentia realizado nos movimentos de base (CEB’s) e também a todos aqueles que de certa forma gostaria de ser cristão, mais cristãos *light*, pois sei que tem todo um fator histórico, social, pois o meio aonde ela surgiu (EUA) temos que ficar alertas. Mais reconheço também a riqueza e contribuição que vem dando a Igreja. No começo foi uma febre, mais agora já está calma, e em muitos lugares estão conseguindo integrar fé e vida”. Isso demonstra que há setores da igreja progressista, mesmo que minoritárias, que buscam uma integração e um maior diálogo com outros setores da IC, principalmente os pentecostais ou carismáticos.

Todavia, o que predomina nas estruturas da PJB é algo parecido com a opinião de Leila, assessora da PJMP: “Um movimento pentecostal, fundamentalista. Não tem a iluminação teológica nem a metodologia que informa e fundamenta a PJ. No pluralismo em que vivemos, o respeito ao diferente e a tolerância religiosa me fazem reconhecer e respeitar esse movimento como legítimo, embora não comungando nem aderindo a sua prática”.

Esses conflitos entre PJB e RCC dificultam a aplicação do método de formação nos grupos de jovens, já que a falta de diálogo chega a impossibilitar, em muitos casos, a ligação dos pontos de convergência entre ambas as propostas. Ocorre também que a RCC, diferentemente da PJB, não possui um projeto nacional de formação, mas uma proposta nacional de evangelização.⁹ Não vêem o crescimento do jovem na comunidade cristã como um processo, mas buscam a partir da “conversão das almas” manterem os jovens inseridos na comunidade.

Entretanto, na atual conjuntura a RCC possui muito êxito com sua proposta que busca responder aos problemas pessoais dos jovens. Enquanto a PJB propõe um processo lento de amadurecimento do jovem no grupo, a RCC apresenta algo mais imediato e instantâneo. Talvez a PJB exija muito dos jovens, oferecendo pouco em troca em curto prazo. No entanto, esse método, quando possibilitado sua aplicação, possui grande potencial em formar lideranças cristãs para a IC e para os mais variados espaços de intervenção na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo mostrou como grupos de jovens religiosos se articulam no interior de uma mesma instituição, porém de maneiras completamente diferentes. O caso dos

grupos observados, PJB e RCC, exemplifica a realidade diversificada presente na Igreja Católica. Considerando que a juventude porta em sua prática elementos de radicalidade da realidade assumida, vê-se um cenário de falta de diálogo em que as posturas teológicas dão forma ao funcionamento do grupo. Ninguém abre mão de suas características, assumindo uma postura de enfrentamento com o grupo pertencente à outra sensibilidade ou tendência católica.

Neste cenário, predomina a falta de diálogo entre lideranças. Todavia, o que se constata é que na base há diversos grupos juvenis, presentes nas paróquias e comunidades católicas, que se apropriam de elementos das duas propostas de evangelização, mesclando-as em seu modelo de funcionamento. Portanto, verifica-se grupos híbridos que se identificam com a vertente da Teologia da Libertação, mas utilizam músicas do movimento carismático, por exemplo.

Por fim, considera-se que os diferentes modelos de espiritualidade presentes na instituição católica, principalmente o apresentado pela TL, têm sido confrontados com um modelo que tem se consolidado nas últimas décadas, isto é, a proposta carismática de vivência religiosa que tem como perspectiva fundamental a resolução dos problemas psico-afetivos dos fiéis. Por isso, visualiza-se um cenário cada vez mais constante em que grupos de jovens da PJB passam a utilizar elementos da teologia carismática, principalmente suas músicas acompanhadas de performances que dão sentido e forma às suas reuniões semanais.

ETHNOGRAPHY OF CATHOLIC YOUTH GROUP: DIALOGUES AND EXPERIENCES OF FAITH

Abstract: the article analysis how the catholic groups work, taking as a reference the groups of Youth Pastoral and the groups of pray of Charismatic Renovation. As a result, it is presented the articulated observations from an ethnographic work in groups identified with the spirituality of Liberty Theology and from charismatic ones. Besides, the text shows, from the participants experiences, the differences between both the perspectives of religious living and the detachment and the lack of dialogue which exists inside the Catholicism.

Keywords: Religion. Youth. Catholicism. Liberty Theology. Charismatic Renovation.

Notas

¹ Sobre o tema das Tendências Orgânicas do Catolicismo, ver Sofiati (2011, 2009).

² Os nomes dos entrevistados foram alterados para preservar suas identidades.

³ A proposta de formação progressiva, definida pela PJB, afirma que o jovem chega ao compromisso depois de passar por diferentes etapas: 1) Nucleação: fase em que o jovem é convidado a participar do grupo

e aceita a proposta – momento em que o jovem descobre como é importante e bom viver em grupo. 2) Iniciação: fase das descobertas das variadas motivações que o jovem traz para o grupo – momento de formação, num processo educativo informal. 3) Militância: é a fase madura do jovem no grupo, na qual este se apresenta com uma fé amadurecida, com compromisso e como uma liderança (CNBB, 1998, p. 155).

⁴ O processo de conscientização do jovem, principalmente aquele que se encontra na fase da militância, é pensado a partir de etapas que passam pela descoberta da situação social por meio dos fatos na vida dos jovens, descoberta progressiva de suas causas e consequências, descoberta do conflito de classes e da consciência de pertencer a uma classe social, descoberta das engrenagens de dominação da sociedade capitalista e descoberta da necessidade de uma organização para enfrentar os problemas dessa sociedade de dominação. Esse caminho leva o jovem a entender a importância da PJB em seu processo de ação (BORAN, 1982, p. 240-6).

⁵ A PJB se faz presente nos bairros de periferia por meio da Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP –, no meio rural por meio da Pastoral da Juventude Rural – PJR –, nas escolas por meio da Pastoral da Juventude Estudantil – PJE – no meio urbano e nas paróquias por meio da Pastoral da Juventude – PJ (CNBB, 1983).

⁶ A RCC se articula por meio dos Grupos de Oração e das Comunidades de Vida e Aliança. A estrutura nacional é constituída por diversos Ministérios, como o Ministério Jovem, de Música e de Pregação (CNBB, 1994).

⁷ As Comunidades de Vida e Aliança do movimento carismático, como Canção Nova, Shalon, Toca de Assis, são importantes instrumentos de atração de novos adeptos ao movimento (CARRANZA, 2009).

⁸ A CNBB criou recentemente em seu Setor Juventude uma estrutura que privilegia a prática dos grupos juvenis não identificados com a linha da Teologia da Libertação, em detrimento da organização nacional da PJB (CNBB, 2006).

⁹ A RCC possui o Ministério Jovem, responsável pela articulação nacional dos grupos de oração voltados para o público juvenil. Há também o Ministério Universidades Renovadas que coordena os grupos nas universidades e o Ministério de Música que é muito importante para o processo de evangelização entre os carismáticos jovens (CARRANZA, 2009).

Referências

BORAN, J.; DICK, H. *Pastoral da Juventude no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1983.

BORAN, J. *Juventude, o grande desafio*. São Paulo: Paulinas, 1982.

CADERNOS DE ESTUDOS DA PJB. *Dimensão da Formação Integral*. São Paulo: CCJ, 1987. n. 2.

CARRANZA, Brenda et al. (Org.). *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2009.

CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. Aparecida-SP: Santuário, 2000.

CNBB (1983) *Pastoral da Juventude do Brasil*. São Paulo: Paulus, 1983. (Coleção Estudos, n. 44).

CNBB. *Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil*. São Paulo: Paulus, 1998. (Coleção Estudos, n. 76).

- CNBB. *Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*. São Paulo: Paulinas, 1994. (Documentos da CNBB, n. 53).
- CNBB. *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*. São Paulo: Paulus, 2006. (Coleção Estudos, n. 93).
- GUTIÉRREZ, G. *Teologia da libertação: perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2000.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 4.
- HÉBRARD, Monique. *Os carismáticos*. Porto: Perpétuo Socorro, 1992.
- PORTELLI, H. *Gramsci e a questão religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- QUEIROZ, Maria I. P. de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: A T. Queiroz, 1991.
- SANTOS, B. de S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2001.
- SOFIATI, Flávio M. Tendências Católicas: perspectivas do cristianismo da libertação. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 14, n. 26, p. 121-140, 2009.
- SOFIATI, Flávio M. Elementos sócio-históricos da Renovação Carismática Católica. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 23, p. 217-241, 2009b.
- SOFIATI, Flávio M.; GRAMSCI, A. As tendências orgânicas do catolicismo brasileiro. *História Agora*, v. 2, p. 212-238, 2011.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- WEBER, M. Sociologia da Religião: tipos de relações comunitárias religiosas. In: _____. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Ed. da UnB, 1994. V. I.